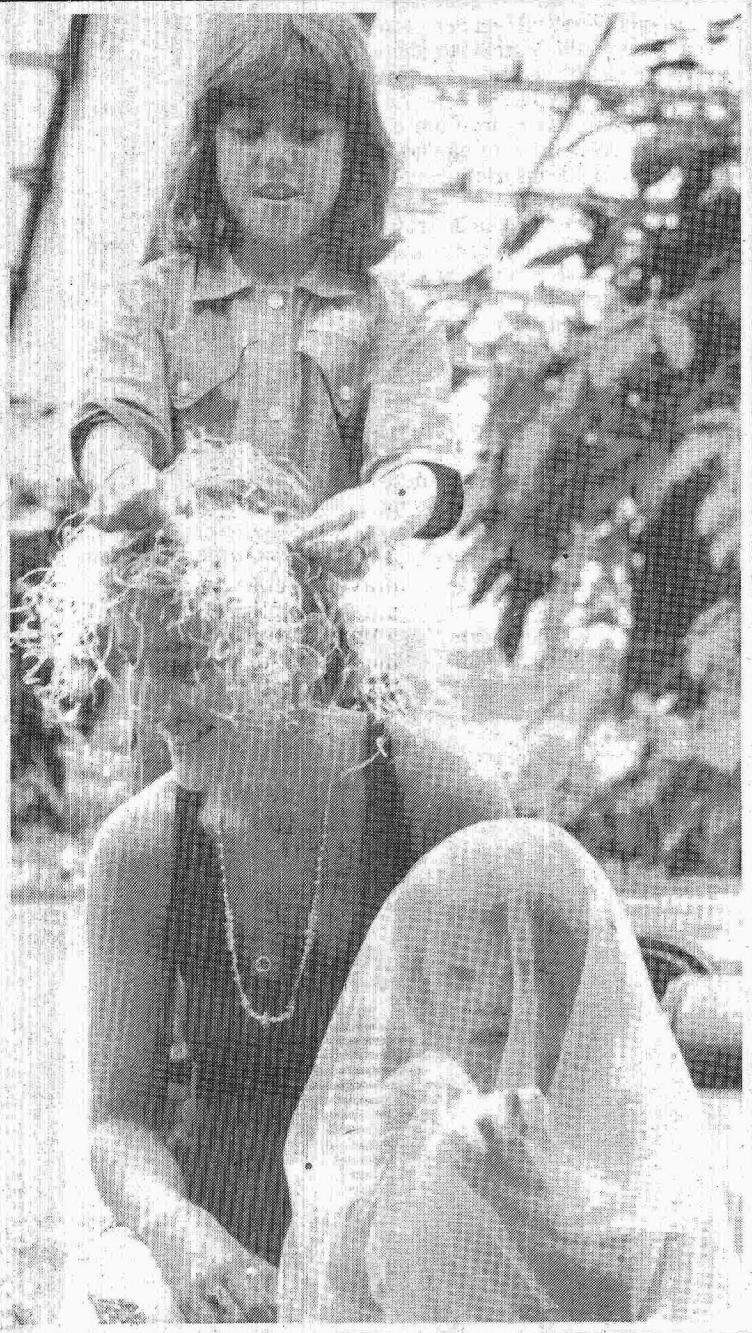


“A avacalhação do ensino não é culpa da tia Xuxa”



O aprendizado não pode ser um hábito como escovar os dentes mas sim uma “gostosura”

Para fazer a cabeça

- Eis aqui algumas dicas de bons livros sobre a criança:
- **O Estranho Mundo que se Mostra às Crianças**, de Fanny Abramovich, Summus Editorial
 - **Quem Educa Quem**, de Fanny Abramovich, Summus Editorial
 - **Diário de um Educastrador**, de Jules Celma, Summus Editorial
 - **A psicanálise dos Contos de Fada**, de Bruno Bettelheim, Editora Paz e Terra
 - **Problemas da Literatura Infantil**, de Cecília Meirelles, Summus Editorial
 - **A Criança e sua arte**, de Viktor Lowenfeld, Editora Mestre Jou
 - **Quando eu voltar a ser criança**, de Janusz Kaczkak, Summus Editorial

Os baixinhos tiranizados por um sistema de ensino precário, pela insegurança de educastradores, pela morrinhagem nas verbas e pela campanha de desmoralização da escola pública desenquedada por setores do Governo, podem se sentir vingados. Na semana da criança, Fanny Abramovich dá o troco com muito senso de humor: “Esta avacalhação do ensino não aconteceu por acaso. Não aconteceu porque a dona Xandoca, a diretora da escola, torceu o nariz”. Através de livros, artigos, conferências, Fanny Abramovich tem lançado insistentes sinais de inquietação, inteligência, indagação e provocação criadora no debate sobre a educação.

E autora, entre outros, de “Quem é Quem na Educação” e “O Estranho Mundo que se Mostra às Crianças” (Summus Editorial), escritos com o prazer do estilo e do humor. Tem vários “doutorados” em educação, mas nenhum pesadume que costuma acometer, por vezes, os doutores. Dirige a excelente coleção “Novas Buscas em Educação”, da Summus Editorial. Atirada, divertida, leve, sem papas na língua nesta entrevista-relâmpago, eis o que Fanny pensa da educação das crianças no Brasil: “Garanto que a culpa da avacalhação não é da tia Xuxa”.

— Que diagnóstico faz da educação para crianças praticada hoje no País?

— Eu acho que a educação está a cara do País. Está se movendo a passo de caranguejo. Estamos voltando a questionamentos de trinta anos atrás. Eu tenho viajado por vários pontos do País e acabo de chegar de Salvador, onde fiz uma série de conferências. As pessoas me perguntavam sobre desenho feito com mimeógrafo, falavam da biblioteca como recinto sagrado. É claro que em um lugar como este a criança não lê. Eram perguntas pueris,

revelando uma desinformação trágica sobre o que não deu certo e sobre o que deu certo em um período muito recente. Tem gente que ainda não assimilou as teorias de Lauro de Oliveira. Tem gente demais descobrindo a pólvora. Assim não dá!

— Como percebe a questão da qualidade da formação dos professores?

— Fico em pânico e fico deprimida. Se você disser que este fenômeno pertence a gerações que passaram por certos processos, eu digo tudo bem com todas as aspas. Mas vá lá. Agora, é terrível você fazer uma conferência na USP e ver que gente de um nível inimaginável será responsável pela formação das próximas gerações.

— O que explica este rebatimento do nível da educação?

— Educação é um ato político — não é um ato partidário. O esfacelamento da escola pública não aconteceu por acaso. E nem foi por acaso o processo de desmoralização do “ser professor”. Hoje um professor ganha o equivalente a uma balconista de loja. E isto não acontece porque dona Xandoca, a diretora da escola, torceu o nariz. E mais: faculdades de quarta categoria dando aulas para alunos de quinta categoria. Cada uma destas pessoas passou a se assegurar da única certeza que lhes era passada por estas faculdades particulares massificadas. Quando passam a lecionar só permitem reproduzir esta certeza que aprenderam. Educador que não tem um ponto de interrogação não é um educador.

— Quais seriam as tendências dominantes hoje no sistema de ensino?

— A do salve-se quem puder, a da sobrevivência imediata. A preocupação dominante é se dá para pagar o carnê ou não dá. E muito raro encontrar hoje o pensamento pedagógico no sentido da curiosidade. O critério é se a es-

cola pode sobreviver com as mensalidades e se o professor pode sobreviver com o salário. E, no mais, todo mundo posa de Pôncio Pilatos. Ninguém assume a responsabilidade pela educação, que é algo público. Este é o quadro geral de avacalhação da educação no País.

— A relação de prazer ou desprazer com o conhecimento é determinada, em grande parte, pelo primeiro contato da criança com a escola. Que tipo de relação esta escola provoca?

— Aprender será faltamente uma coisa chata dentro deste esquema torto. A criança deduz que ter vontade de aprender é uma coisa chata. E o que mais pode acontecer quando você lida com uma resposta certa e bibliografia única? O livro didático no Brasil é um escândalo.

— Como percebe a relação dos novos professores com a leitura?

— Olha, eu sempre converso com os professores no sentido de que eles entendam que ler é gostosura. Hábito é escovar os dentes. Mas a coisa é toda deformada. Quando a pessoa é analfabeta e não faz o que é de sentido literal — ela não sabe usar a leitura para nada. Fica se agarrando em fachinhas.

— Como situa a educação das crianças face aos veículos de comunicação de massa?

— Não sou adepta da pedagogia da tia Xuxa. Mas que não se responsabilize a Xuxa por isto. Na época em que apareceu o rádio as reações não eram muito diferentes das de agora. Tem todo um comodismo em acusar a televisão por todas as mazelas. Ora, põe a televisão na sala e vamos ensinar os baixinhos a perceberem criticamente o jogo das imagens. É o mesmo comodismo do professor que culpa o aluno de não ler quando ele (o professor) também não lê. Não, a avacalhação do ensino não é culpa do Bozo.